

Da serpentina ao caos: uma reflexão acerca da violência urbana e do turismo no Recife – PE¹

From serpentine to chaos: a reflection on urban violence and tourism in Recife – PE

De la serpentina al caos: una reflexión sobre la violencia urbana y el turismo en Recife – PE

Barbara Rodrigues²

Natália de Sousa Aldrigue³

Resumo: Dentre os diversos desafios que o turismo brasileiro encontra para se consolidar no cenário mundial, a alta incidência de violência é um dos que mais se destacam pela sua propagação nas mídias e pelo impacto na sociedade. Esta pesquisa selecionou o Recife (PE) como primeira cidade a ser objeto de análise acerca da variação dos índices de violência urbana, a percepção da violência e a relação com o uso e renovação dos espaços públicos e privados, em especial com foco naqueles que buscaram fomentar o turismo. Por uma aplicação da análise de discursos em um estudo de caso iniciado no centro da cidade os resultados alcançados mostram que ainda faltam ações diretas que considerem os efeitos dessa relação na percepção da violência e na vivência nesses locais, por mais que tenham ocorrido avanços no campo das políticas de lazer, turismo e segurança na cidade.

Palavras Chave: Violência Urbana. Turismo. Recife. Centros Históricos. Percepção da Violência.

Resumem: Entre los muchos desafíos que enfrenta el turismo brasileño para consolidarse en el escenario mundial, la alta incidencia de violencia es una de las más notables por su difusión en los medios y el impacto en la sociedad. Esta investigación seleccionó a Recife (PE) como la primera ciudad en ser objeto de análisis sobre la variación de las tasas de violencia urbana, la percepción de violencia y la relación con el uso y la renovación de espacios públicos y privados. Mediante la aplicación del análisis del discurso en un estudio de caso iniciado en el centro de la ciudad, los resultados obtenidos muestran que aún faltan acciones directas que consideren los efectos de esta relación en la percepción de violencia y en la experiencia en estos lugares, a pesar de que ha habido avances en el campo de las políticas de ocio, turismo y seguridad en la ciudad.

Palabras clave: violencia urbana. Turismo. Recife. Centros históricos. Percepción de violencia.

Abstract: Among many challenges faced by Brazilian tourism, the high incidence of violence is one of the most notable for its dissemination in the media and the impact on society. This research selected Recife (PE) as the first city to be analysed for the variation in urban violence rates, the perception of violence and the relationship with the use and renovation of public and private spaces, especially focusing on those promoting tourism. Through the application of discourse analysis in a case study initiated in the city centre, the results obtained shows the absence of direct actions that considers the effects of this relationship on

¹ Este artigo apresenta os resultados da primeira fase da pesquisa intitulada Os Discursos de Desenvolvimento Turístico e Contenção da Violência no Uso do Espaço Público nas Capitais Nordestinas, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), realizada durante o ano de 2018.

² Doutoranda em Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE); Mestre em Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB); Bacharela em Turismo (CET/UnB). rodrigues.barn@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3210-3739>

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharela em Publicidade e Propaganda pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba e em Turismo pela UFPB; Professora Adjunta do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB). natalaldrigue@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1409-7486>

the perception of violence and experience in these places, even though there have been advances in the field. Leisure, tourism and security policies in the city.

Keywords: Urban Violence. Tourism. Recife. Historical Centres. Perception of Violence

INTRODUÇÃO

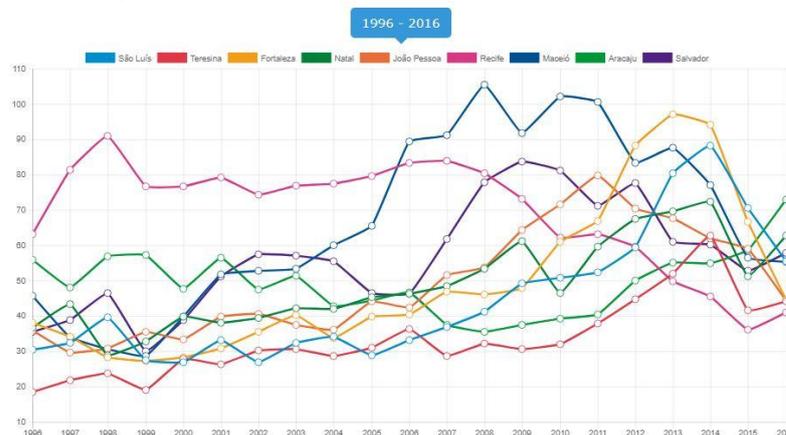
As cidades latino-americanas estão no topo das classificações de violência produzidas em todo o mundo nas últimas décadas, como resultado de suas altas taxas de homicídio. No último ranking produzido pela ONG mexicana Seguridad, Justicia y Paz (2018), o Brasil lidera com 19 das cidades mais violentas do mundo, seguido pelo México (8), Venezuela (7), EUA e Colômbia (4). Não é de surpreender que o Brasil ocupe a maioria das posições nesse ranking, já que é um país maior, com maior população urbana e fatores de desigualdades muito presentes, em comparação com os demais.

É interessante notar que, na última década, o mapa das taxas de homicídio passou do Sudeste - historicamente a região mais rica do país - para o Norte e Nordeste - as regiões mais pobres. Juntamente com o incremento nas taxas de homicídio, o Nordeste registrou importantes variações na expansão da renda e da riqueza nos últimos anos. Segundo o Banco Mundial, o PIB per capita brasileiro cresceu de US \$ 3.039,67 em 2003 para US \$ 12.576,20 em 2011. Como principal plataforma, o Partido dos Trabalhadores, que governou o país de 2003 a 2016, conduziu políticas para descentralizar a produção industrial para as regiões mais pobres, fazendo com que o Nordeste aumentasse sua participação na produção de 12,77% do PIB em 2003 para 13,56% em 2012. Algumas cidades maiores do Nordeste viram sua renda dobrar ou até triplicar nesse período.

Entre as razões por trás de tais variações estão os importantes investimentos públicos e privados no setor de turismo recebidos, particularmente por meio do Programa de Desenvolvimento do Turismo - Nordeste (PRODETUR/NE). Investiu-se um montante de US \$ 1.014.100.000,00 em duas fases do Programa (Zymler, 2003), desde a década de 1990, financiado pelo BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento), um associado do Banco Mundial, principalmente para modernizar e aumentar a infraestrutura de apoio ao turismo e os programas de reconfiguração urbana (Beni, 2006). Na última Pesquisa de Consumidor (FGV, Brasil, 2017), o Nordeste destacou-se como a região mais desejada do país, com 48,0% dos turistas nacionais mostrando intenção de visitá-lo.

De acordo com a discussão acima, o Nordeste viu sua atratividade turística, investimentos e renda crescerem junto com importantes variações nas taxas de homicídio. O gráfico 1 mostra a variação das taxas de homicídio de 1996 a 2016 nas capitais nordestinas.

Gráfico 1) Variação das taxas de homicídio nas capitais nordestinas 2006 – 2016



Fonte: IPEA/FBSP (2018)

É possível constatar que todos, com exceção do Recife, viram as taxas de homicídio aumentarem. Recife e Natal apresentam movimentos opostos, a partir do último período (2015 - 2016), quando as taxas de homicídio do Recife voltaram a aumentar. Recife (a linha rosa), em 1996, apresentava as taxas mais altas, mas após 2007 as viu caírem (em torno de 40%) e em 2016 ainda aparece como a “cidade mais segura”.

Ao pensar sobre como trabalhar as possíveis relações entre crescimento econômico e violência, levando em consideração o turismo, optou-se por centrar a análise nos processos de requalificação urbana que tiveram como propósito fomentar a atividade turística nos locais escolhidos. Buscou-se entender se e como as mudanças geradas por essas ações influenciaram (estimulando ou inibindo) diferentes formas de violência. O esquema a seguir (Imagem 1) explicita brevemente a construção do problema.

Imagem 1) Fluxo da relação turismo e violência



Fonte: elaboração própria

Assim, buscou-se desvelar os processos discursivos que precederam e governaram a construção e execução das políticas integradas de revitalização urbana dos espaços de lazer e turismo de Recife e revelar as razões por trás dos seus resultados na contenção ou expansão da percepção da violência urbana na cidade. Para alcançar tal objetivo, a metodologia elencada tem como referência a análise de discursos por uma abordagem foucaultiana. A escolha foi feita baseando-se na compreensão de que os processos de tomada de decisão que resultam nas políticas públicas estudadas são compostos de diversos agentes e, por consequência, diferentes interesses que caracterizam a conformação das cidades contemporâneas. Essas diferentes agendas se fundamentam a partir de valores, opiniões e interpretações acerca de modelos de uma cidade ideal. Em essência, tais “ideais” são formados por discursos que possuem o potencial de influenciar a perspectiva dos atores acerca de determinada situação, não somente refletindo sua opinião de forma retórica (Dryzek, 2005), mas também estabelecendo relações de poder sobre um território ou elemento do espaço urbano.

O levantamento de dados foi iniciado em fevereiro de 2018 e continua em execução. A análise contida neste artigo compreende somente os dados levantados no primeiro ano de pesquisa até o início de 2019. Para esse levantamento de dados, utilizou-se da junção de diferentes técnicas, conhecida como *bricolage*. Ela foi feita por três fontes principais: (a) entrevistas abertas com usuários locais recorrentes do local selecionado (trabalhadores) e atores-chave para a temática (policiais e gestores locais); (b) levantamento documental com a seleção de projetos e planos estaduais e municipais, atas e transcrições de reuniões, notícias de jornais, registros fotográficos e mapas de outros períodos; e (c) índices de criminalidade (Crimes Violentos Letais Intencionais – CVLI e Crimes Violentos contra o Patrimônio – CVP) e taxas de homicídio. A partir do conjunto de dados obtido, iniciou-se a

identificação dos discursos que se destacavam no cenário estudado no tocante às categorias pré-estabelecidas: desenvolvimento turístico, uso do espaço público e violência. No decorrer do processo diferentes discursos apareceram no debate o que levou a adaptações da leitura do território e da execução da metodologia.

Tendo em vista o amplo e complexo *corpus* obtido optou-se por fazer uma contextualização da cidade, porém aprofundar a análise em um campo específico por meio da realização de um estudo de caso no Bairro do Recife (Recife Antigo), local onde concentra os equipamentos turísticos e eventos promovidos pela Prefeitura na cidade. Percebe-se a necessidade de mais análises acerca da percepção da violência e do medo em destinos turísticos de forma mais ampla e ainda assim que traduza a vivência de cidadãos e visitantes na cidade. Portanto, a pesquisa está em fase de ampliação para outros bairros localizados no Centro Histórico do Recife.

Este artigo apresenta os resultados da primeira fase da pesquisa intitulada *Os Discursos de Desenvolvimento Turístico e Contenção da Violência no Uso do Espaço Público nas Capitais Nordestinas*, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), encerrada no final de 2018, e alguns apontamentos da segunda fase realizada durante o ano de 2019. A pesquisa visa contribuir para a reflexão acerca dos processos de urbanização turística, sua influência na percepção da violência de cidadãos e visitantes e, conseqüentemente, a experiência de viver a cidade.

A CIDADE DOS HOMENS-CARANGUEJO COMO OBJETO DE ESTUDO

Pernambuco é um estado importante no Nordeste do Brasil principalmente devido ao seu alto PIB per capita e se destaca por abrigar destinos turísticos importantes, como Recife, Olinda, Ipojuca (Porto de Galinhas) e Fernando de Noronha. Pernambuco também é conhecido como o “Coração do Nordeste”, uma imagem construída por seus cidadãos e pela promoção turística, por seu reconhecimento como um dos estados protagonistas econômicos e culturais da região.

A capital de Pernambuco, Recife, está localizada no litoral com forte presença de uma vegetação de mangue na foz dos rios, os mais importantes sendo o Beberibe e o Capibaribe que cortam a cidade. Segundo o IBGE (2018), Recife é a nona cidade mais populosa do país, com uma população estimada de 1.637.834 habitantes (2018). Sua densidade populacional é de 7.039,64 habitantes/km² (2010), a 12^a maior do país. Em 2016, o salário médio mensal era de 3,1 salários mínimos (1 salário mínimo era de R\$ 880,00) e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 44,8%. A estrutura da produção econômica em Recife é: serviço (69% do PIB); Indústria (17%); Administração Pública (14%).

A cidade do Recife se destaca dentre os demais destinos urbanos nordestinos pela sua força econômica, principalmente no setor tecnológico e hospitalar, pela sua diversidade cultural e histórica e pela imagem criada pelas ações de revitalização de espaços públicos para fins de modernização em diversos locais da cidade, em especial as ações realizadas em imóveis antigos. Atualmente, o esforço para a promoção do turismo no Recife avança em direção a projetos que integram a chamada “economia criativa” e busca trabalhar a imagem da cidade como um destino que conecta aspectos clássicos da sua cultura, como a música e a arquitetura, a aspectos modernos, como eventos de tecnologia (Recife, 2018). Entretanto, paralelamente, a cidade aparece duas vezes na lista de recomendações de viagens do Departamento de Estado Norte-Americano que alerta para o risco de crimes nos ônibus e na praia do Pina (U.S. Department of State, 2019), o que pode fragilizar a imagem do destino em âmbito internacional.

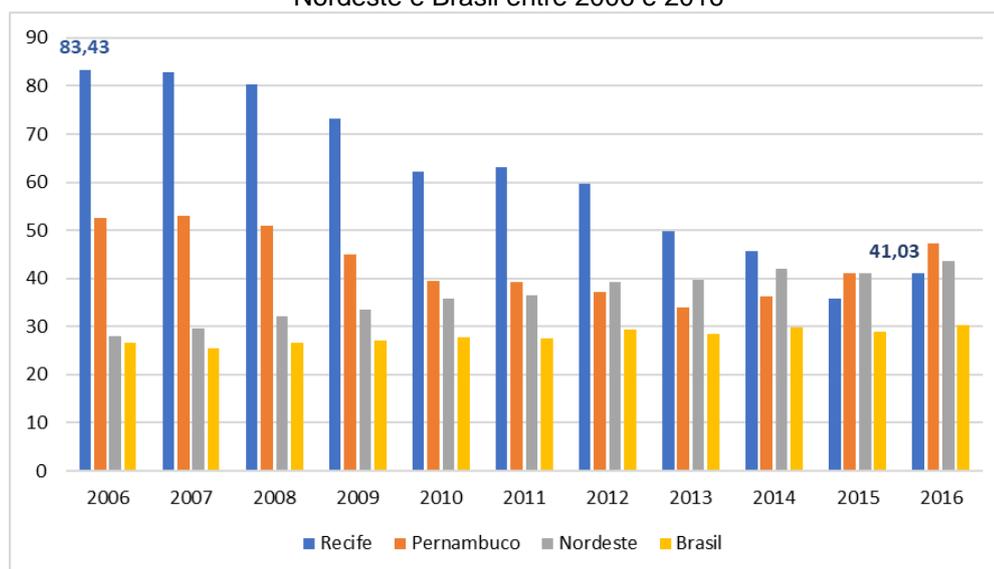
Recife, em 1996, apresentava as taxas de violência (homicídios e demais crimes) mais altas dentre as demais capitais nordestinas, mas após 2007 as viu cair até 2013. De acordo com o Atlas da Violência (IPEA; FBSP, 2019), em 2017 o estado de Pernambuco consolidou a derrocada do Programa Pacto Pela Vida, demonstrado pelo aumento de 21% na sua taxa de homicídios em comparação com o ano anterior. O IPEA chama atenção para

a necessidade de incorporar novos elementos nas investigações científicas sobre o tema e para “o caráter voluntarista dos mecanismos de governança, em contraposição a importância da arquitetura institucional e dos arranjos de governança para uma política de Estado” (IPEA; FBSP, 2019, p. 19).

Embora Pernambuco tenha testemunhado uma diminuição de 20,01% nas taxas de violência (Brasil, 2017a), de 2005 a 2015, o estado ainda é comumente mencionado como um local violento. De fato, levantamentos do cenário criminal realizados pela Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS) mostraram um aumento do Crime Letal Violento Intencional (CVLI) de 2016 para 2017, com destaque para o número de ocorrências na Região Metropolitana do Recife (RMR) (Pernambuco, 2017b). Além disso, a RMR concentra três destinos relevantes (Olinda, Porto de Galinhas e Recife), bem como um histórico de violência, que aponta para questões relacionadas ao seu processo de urbanização (Dantas, Freire, 2013).

Diferentemente das demais capitais nordestinas, o Recife experimentou um movimento contrário em seus índices de violência desde 2006. Quando comparado às taxas de homicídio no Brasil, Nordeste e Pernambuco, entre 2006 e 2016, o Recife apresenta um declínio mais acentuado que seu estado (Gráfico 2). Ainda assim, sua taxa de homicídios em 2016 (41,03) é superior à taxa brasileira (30,3), segundo o IPEA (2018).

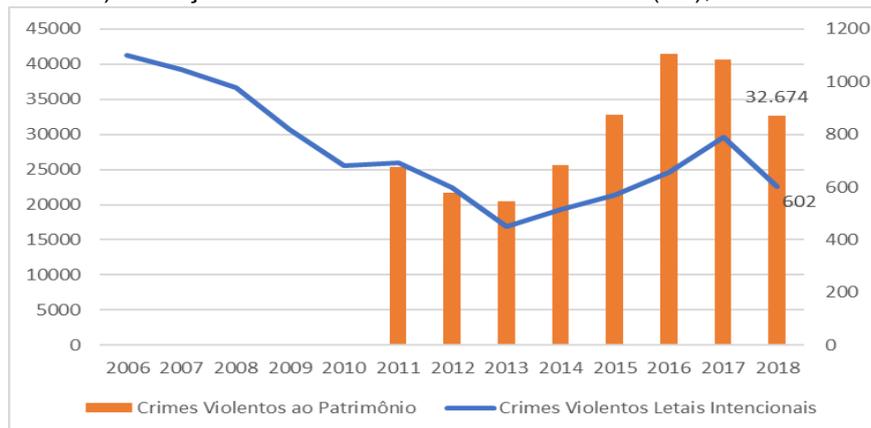
Gráfico 2) Evolução das taxas de homicídio (por 100.000 habitantes) em Recife, Pernambuco, região Nordeste e Brasil entre 2006 e 2016



Fonte: IPEA, 2018

Ao analisar as taxas de violência utilizadas pelo governo do estado de Pernambuco, que são: Crimes Violentos Contra o Patrimônio (CVP), que inclui roubo e extorsão por sequestro, e Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI), que considera roubo seguido de morte ou roubo, ferimentos seguidos de morte e mortes suspeitas (Mendonça, 2014); é possível observar uma variação a partir de 2013, conforme demonstrado no Gráfico 3. Observa-se que a CVLI decresceu de forma constante de 1.100 ocorrências em 2006 para 452 em 2013. A variação do CVP também mostra uma queda de 25.413 ocorrências em 2011 para 20.516 em 2013. Os dois indicadores iniciam um movimento de aumento contínuo a partir de 2014, consistente com a variação ocorrida no estado de Pernambuco, e seguindo o padrão de crescimento da região Nordeste.

Gráfico 3) Evolução das Taxas de Violência em Recife (PE), de 2006 a 2018



Fonte: Secretaria de Defesa Social de Pernambuco - SDS (2019)

Os créditos para essa redução inicial são inicialmente direcionados ao programa Pacto Pela Vida, implementado a partir de 2007 no estado de Pernambuco (SEPLAG, 2017). Com alguns trabalhos sobre prevenção da violência, e não apenas na repressão, o programa incluiu atividades integradas com diferentes secretários estaduais, o Ministério Público e a Assembleia Legislativa. As ações foram administradas pela Secretaria de Planejamento, e não pela Secretaria de Segurança Pública, como seria de se esperar (World Bank, 2013).

No entanto, enquanto o índice demonstra um cenário "mais seguro", Ratton et. al. (2014) mostram que os atores da sociedade civil consideram que a política se concentrou na repressão e não nas ações de prevenção. Para eles, tais ações de prevenção, além de não receberem investimentos satisfatórios, também não foram bem estruturadas e monitoradas, negligenciando outros aspectos da violência e do crime, enraizados em características culturais e sociais. Eles também apontaram a interrupção do diálogo, que tem ocorrido frequentemente em fóruns e audiências públicas, entre governo e sociedade como um dos erros do programa (Ratton et al., 2014).

Como alguns atores viram a situação se agravar, em abril de 2018, o projeto Fogo Cruzado começou a operar no Recife (foi desenvolvido no Rio de Janeiro). A Fogo Cruzado é uma plataforma digital colaborativa que tem o objetivo de registrar a incidência de tiroteios por meio de um aplicativo para tecnologia móvel combinado com um banco de dados. Eles estão desenvolvendo relatórios mensais sobre violência na cidade.

SOBRE FATOS E PERCEPÇÕES: UMA LEITURA PRELIMINAR

O turismo não se conforma somente baseado em dados. A motivação turística concentra aspectos subjetivos que levam em consideração a experiência potencial que se espera ter em determinado território de maneira que seja agradável, ainda que essa característica possa trazer diferentes interpretações. Pode-se deduzir que nessa expectativa sofrer algum tipo de violência, quer ela seja real ou simbólica, como a inibição do uso dos espaços públicos, é algo não desejado pelo visitante, assim como não o é pelos seus cidadãos.

No aspecto geral da cidade do Recife, o que é possível depreender a partir das entrevistas realizadas, é a percepção de que o Centro da Cidade é considerado violento e por isso a escolha de direcionar a pesquisa para esse local em sua segunda fase. Além desse fator, soma-se o fato de que o Centro do Recife concentra um vasto conjunto arquitetônico e cultural que retrata a história do país e representa sua diversidade pelas manifestações culturais, bastante presentes na agenda recifense. Inclusive, essa característica é aproveitada de forma estratégica pela Secretaria de Turismo local que, para além do Carnaval, realiza projetos que promovem roteiros, atrativos e eventos do Centro.

Ainda assim, existem lacunas nesse processo que podem ser melhor trabalhadas. A forma de exploração desse conjunto atrativo se deu por meio de ações de revitalização concentradas no bairro do Recife, também conhecido como Recife Antigo. Desde 1986, quando é criado o Plano de Revitalização do Centro da Cidade (URB, 1986), o turismo é inserido na agenda de dinamização econômica local como uma consequência positiva da revitalização de prédios históricos que estavam em estágio avançado de degradação. A partir da década de 1990, o bairro do Recife inicia seu processo de redirecionamento econômico: do bairro que abriga o porto da cidade para o que abriga o centro turístico. Com a supervalorização dessa capacidade do turismo em ser um multiplicador de renda e a falta de um planejamento a longo prazo adequado esse movimento, conseqüentemente, esgotou-se, cumprindo a previsão do ciclo de vida de um destino turístico (Butler, 1980) que falha em se manter vivo e equilibrar os impactos negativos advindos da atividade turística.

Desde então, o bairro passou a ser considerado um polo tecnológico, pela execução do Porto Digital (iniciado em 2000), um projeto que incentiva a ocupação do bairro por empresas de tecnologia da informação (TI) e atualmente alia-se aos esforços dos agentes do turismo em promover o local. Cabe salientar que o bairro não é considerado residencial e concentra sua população na Comunidade do Pilar, reconhecida como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) no atual processo de revisão do Plano Diretor da cidade, localizada no norte do bairro. Na área tombada pelo IPHAN, ao sul, os prédios são majoritariamente ocupados pelas empresas de TI, restaurantes e outros serviços.

Nesse contexto, e na perspectiva do problema da pesquisa, é importante ter em mente que o ambiente não pode ser um mero receptáculo dos fenômenos que nele ocorrem. As estruturas desenvolvidas, o desenho urbano, influenciam diretamente nas condições gerais da segurança no espaço público, podendo ser afetadas por diversas causas como:

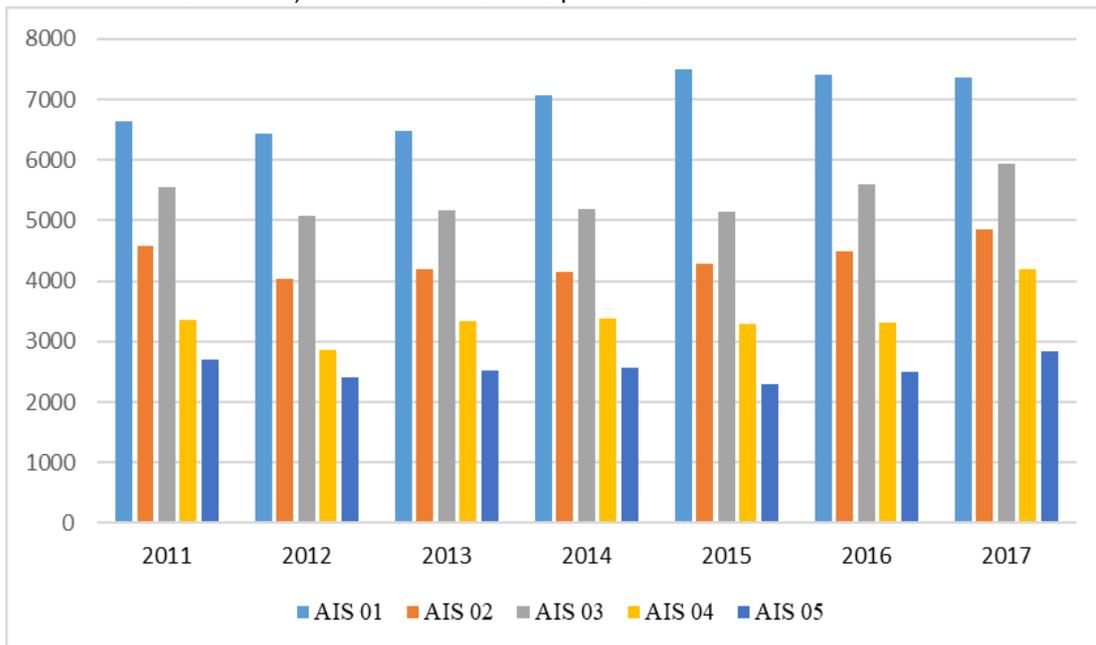
(...) gerenciamento inadequado de processos de urbanização que resultam numa falta de serviços e equipamentos de bens comuns; falha contínua de incorporação de assuntos de segurança pública em políticas de governança urbana; existência de espaços abertos, pouco protegidos e sem gerenciamento; e falta de apropriação e proteção informal por parte dos moradores. (Gärtner, 2008, p.61).

Outra questão importante é o fato que o bairro não está isolado do conjunto Centro da Cidade, ainda que possua características diferenciadas. Ao se voltar para o conjunto Centro Histórico, que poderia ampliar o alcance do que hoje se trabalha o Centro Turístico, é interessante reparar que os desafios quanto à sua ocupação não seguem necessariamente a literatura sobre mix de usos e vigilância (Jacobs, 2000), pois mesmo nas áreas habitadas, com a presença de comércio e serviços, a segurança pública é vista como uma das principais barreiras para o desenvolvimento local.

Recife também não está isolado dessa realidade. Costa (2015) mostra que “o avanço crescente da urbanização mundial e os problemas decorrentes de tal processo (...) fizeram com que políticos e capitalistas buscassem planos estratégicos para a crise das cidades” (Costa, 2015, p.125) e esse esforço levou ao esvaziamento e empobrecimento das suas áreas centrais (Costa, 2015) a partir da dispersão dos residenciais em condomínios fechados isolados e da desvalorização do centro, que vê seu conjunto arquitetônico se degradar. A violência nessa discussão surge, portanto, vinculada diretamente à percepção que cidadãos e visitantes têm do centro: um lugar abandonado, velho e perigoso, ainda que tenha um fluxo comercial.

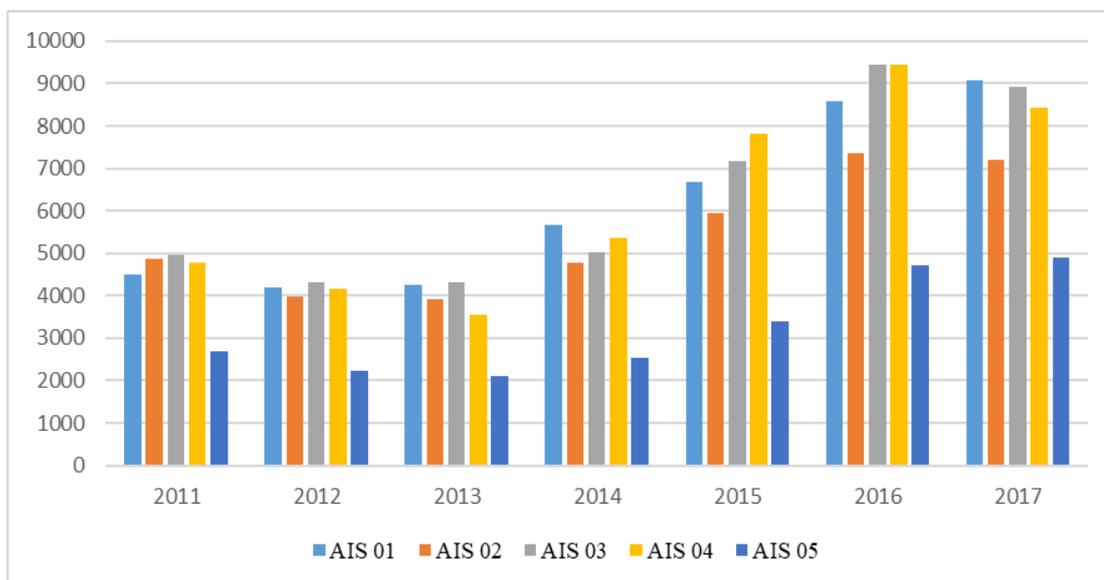
No caso da cidade do Recife, essa percepção é congruente com os dados sobre ocorrências de furto e roubo da Área Integrada de Segurança 01 (AIS Centro da Cidade) que, de fato, são altos, quando comparados com o restante das AIS. Mesmo assim os dados de CVLI (homicídio, latrocínio) são os mais baixos da capital, como apresentado nos gráficos a seguir.

Gráfico 4) Ocorrências de furto por AIS do Recife: 2011 a 2017



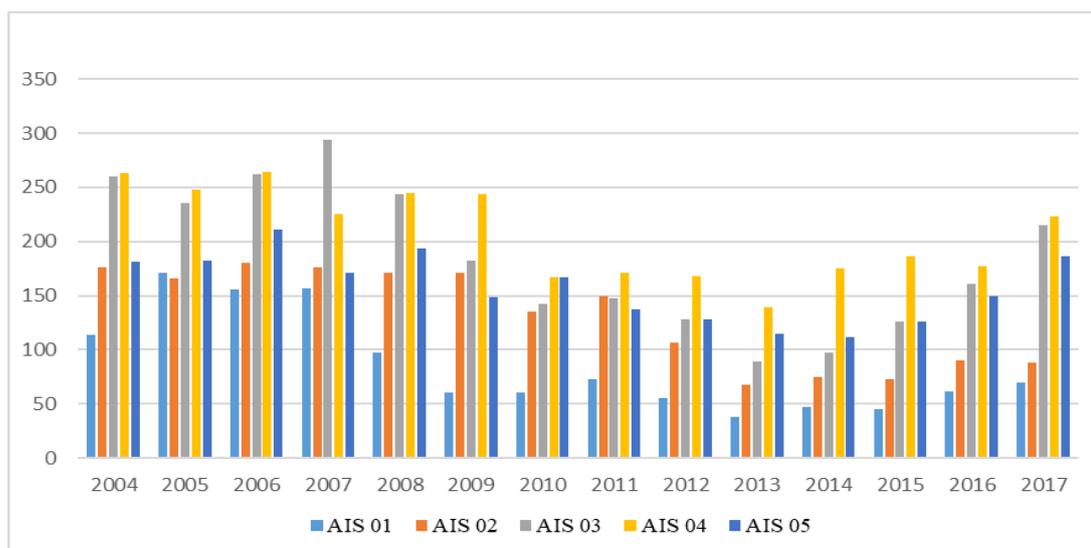
Fonte: Secretaria de Defesa Social de Pernambuco – SDS (2018)

Gráfico 5) Ocorrências de roubo por AIS do Recife: 2011 a 2017



Fonte: Secretaria de Defesa Social de Pernambuco – SDS (2018)

Gráfico 6) Ocorrências de CVLI por AIS do Recife: 2004 a 2017



Fonte: Secretaria de Defesa Social de Pernambuco – SDS (2018)

Ainda que exista lacunas na captação dos dados, como a subnotificação de roubos e assaltos, esse cenário de alta incidência de crimes não letais (CVP) fortalece o entendimento de que o Centro é um local inseguro, já que esses tipos de crime são os principais incentivadores da percepção da violência nas cidades (Trindade, 2004). Sustentado pela ideia anterior de descaso com a estrutura, um local que retrata as desigualdades existentes na sociedade brasileira pela disparidade entre atores que compõem sua dinâmica (da população em situação de rua até grandes empresários) se manifesta, então, como um local inadequado para se viver. E, continuando o ciclo, pelo seu esvaziamento ele também se manifesta como um local inseguro.

Os espaços de turismo e lazer não escapam dessa lógica. Por certo, “a sensação de insegurança e a percepção de encontrar-se permanentemente em risco ao fazer uso dos espaços públicos pode incidir no sujeito com maior intensidade que a insegurança de fato existente” (Lima, 2015, p. 25). Ainda assim, a relação entre espaços de desigualdade e a violência urbana demonstra ser direta e forte, e o turismo a partir do momento que se encontra refém do processo de mercantilização das relações sociais, com a busca exclusiva por geração de renda, pode ajudar a replicar essa lógica de espaços desiguais e, conseqüentemente, inseguros (Jones, 2010).

Somado a isso, nota-se o aumento do uso de instrumentos de segurança privada, fato que, à primeira vista paradoxalmente, fortalece a percepção da violência. O ambiente construído é um agente ativo em um contexto de violência urbana e, logo, na construção dessa percepção (Maricato, 1996). Pode-se ver esse aspecto materializado na replicação de condomínios com muros altos, cercas elétricas, câmeras de vigilância e “gaiolas” (uma estratégia adotada no Recife onde o visitante de um prédio tem a entrada autorizada, mas fica aguardando a identificação entre um portão e outro anterior ao acesso ao prédio, trancado como em uma gaiola), o que influencia de forma hostil a relação espaço público – espaço privado (Caldeira, 2000).

Portanto, o Recife demonstra enfrentar muitos desafios em especial por ser uma cidade historicamente desigual e violenta, com problemas na estrutura da cidade que ainda não foram sanados como saneamento básico e mobilidade. Ainda que a última década tenha apresentado avanços quanto à redução dos crimes, a retomada do crescimento a partir de 2013 acendeu um alerta para a releitura e adequação das políticas adotadas. Paralelamente, o turismo que atualmente dialoga com a chamada “economia criativa” busca se reinventar resgatando os elementos históricos que se concentram no Centro da cidade.

Mesmo assim, os esforços não parecem dimensionar a capacidade do turismo como promotor de paz, encontro de povos, celebração da diversidade local, em suma, fomentador de desenvolvimento humano (Fazito et al., 2018) a ponto de causar uma mudança profunda que impacte positivamente outras esferas além da promoção e marketing e do crescimento econômico de poucos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência urbana está longe de ser um problema que se soluciona por uma única via. Interpretá-la de forma separada do restante das agendas presentes em um contexto urbano também não garante a mitigação das suas consequências. Para a promoção do uso dos espaços públicos, incluídos os de lazer e aqueles voltados ao turista, por toda a comunidade, percebe-se a necessidade de políticas públicas que enfoquem não somente a segurança pública de maneira repressiva, mas também a elaboração de uma política para o controle do medo (Trindade, 2017), até porque os dados levantados não são suficientes no momento de descrever a realidade de uma população que convive com a violência (Cruz, 2015; Dantas et. al., 2007).

Este artigo buscou trazer para o debate sobre desenvolvimento turístico, o exemplo de uma cidade que ainda enfrenta graves problemas quanto à contenção da violência e dos seus impactos na vida da cidade. Como apresentado, a relação turismo e violência não é necessariamente direta, por mais que o fator promoção e imagem do destino seja relevante e apareça na discussão. O foco da pesquisa se direcionou, por uma direção, para a tentativa de compreender como o turismo, por meio do fomento e da alteração dos espaços públicos e privados pode até mesmo fortalecer a percepção da violência; e por outra, entender como essa dinâmica de apropriação do território pode também mitigar seus efeitos negativos.

Essa interpretação dialoga com a ideia de que os espaços turísticos que nos últimos anos ganham protagonismo, embora:

possam parecer “públicos”, no sentido de seu tamanho e acessibilidade a um grande número de pessoas, eles permanecem “privados” em termos de propriedade, com importantes implicações legais para ideais de exclusão e o governo do comportamento em tais locais (Jones, 2010, p.170).

O esforço de conter o crime por meio de alterações no design do ambiente urbano, em alguns casos apontados na literatura, favoreceu, por exemplo, o afastamento de indivíduos considerados antissociais e o toque de recolher de jovens (Jones, 2010), situação mencionada por entrevistados no caso do Recife. Quebrar o ciclo desigualdade–violência perpassa, portanto, pelo esforço de desconstrução da ideia de desenvolvimento adotado, que tem favorecido tais comportamentos.

No caso do Centro da Cidade do Recife, o fato de concentrar altos índices de violência, ainda que não letais, fortalece a representação de uma cidade violenta e acaba por ser prejudicial para o potencial turístico existente já que o Centro concentra importantes elementos e manifestações artísticas-culturais da cidade e do estado. Resgatar esses elementos e fortalece-los no empenho de incentivar um local de encontro entre cidadãos e visitantes, por meio de projetos pensados a curto, médio e longo prazo e que não tenham como objetivo final somente o incremento da renda, é um importante esforço que os agentes do turismo podem fazer para contribuir na estruturação de lugares mais pacíficos.

No momento, a pesquisa está em processo de ampliação do seu recorte territorial e atualização dos dados coletados. Pelos resultados obtidos no primeiro ano, optou-se por estender a pesquisa iniciada pelo bairro do Recife para os bairros de Santo Antônio, São Jose é Boa Vista, pertencentes ao Centro Histórico do Recife. O dilema acerca do patrimônio material é um dos que se destacam quanto à apropriação e esvaziamento do espaço e outros fatores, como o diálogo entre instituições e legislações urbanísticas também

já foram evidenciados como fundamentais para entender a atual dinâmica do Recife quanto aos temas estudados.

Essa pesquisa é realizada em parceria com o Departamento de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e com o Departamento de Criminologia da Universidade de Cardiff (País de Gales). Espera-se que durante sua execução e ao fim desse processo ela contribua para a construção de políticas públicas de enfrentamento ao medo e a violência e ao desenvolvimento do turismo, partindo da concepção de que esse é um importante instrumento no fomento da paz.

REFERÊNCIAS

Brasil. Fórum Brasileiro De Segurança Pública (FBSP); Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2018). Filtros - Homicídios Brasil. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros/18/homicidios>>

Butler, R. (1980). The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution and Implications for Management of Resources. *The Canadian Geographer*, v. 24, n. 1, p. 5–12.

Caldeira, T. (2018) *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp.

Costa, E. (2015). *Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana – totalidade-mundo*. São Paulo: Humanitas. FAPESP.

Cruz, L. (2015). *Relações entre espaço, crime e percepção da violência: um estudo de caso em bairros do Recife*. Tese de Doutorado Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Dantas, G.; Persijn, A.; Júnior, A. (2007). O medo do crime. *O Alferes*. Belo Horizonte, 62 (22): 11-49, jul./dez.

Dantas, A.; Freire, F. (2013). Uma visão dos homicídios na Região Metropolitana de Recife. In: Luciana Teixeira de Andrade; Dalva Borges de Souza; Flávio Henrique Miranda de A. Freire. (Org.). *Homicídios nas regiões metropolitanas*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, v. 1, p. 216-241.

Dryzek, J. (2006). *The Politics of Earth: environmental discourses*. Oxford: Oxford University Press.

Empresa De Urbanização do Recife (URB). (1986). *Uma estratégia para revitalizar o Centro do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade.

Fazito, M.; Rodrigues, B. N.; Nascimento, E. P.; Pena, L. C. S. (2017). O papel do turismo no desenvolvimento humano. *Papers do NAEA (UFPA)*, v. 372, p. 1-21.

FGV; BRASIL. (2017). *Sondagem do consumidor: intenção de viagem*. – Ano 10 (janeiro 2017) / FGV Projetos, Ministério do Turismo. – Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2017. 1 v. Mensal. ISSN: 22362142

Fórum Brasileiro De Segurança Pública (FBSP); Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2018). *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro.

Gärtner, A. (2008). Desenho do espaço público como ferramenta para a prevenção da violência. *Revista Brasileira de Segurança Pública* 3. V. 2 n. 1.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2017). Cidades. Recife. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em 23/01/2018.

Jacobs, J. (2000). Morte e vida de grandes cidades / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Jones, T. (2010). Governing Security in Tourist Spaces. In: Tourism and Crime: key themes. Goodfellow Publishers Limited, Oxford.

Lima, D. (2015). A Violência Urbana e a Sensação de Insegurança nos Espaços Públicos de Lazer das Cidades Contemporâneas. Geoconexões. Ano 1, Vol. 2.

Maricato, E. (1996). Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. Estudos Urbanos. Série Arte e Vida Urbana. São Paulo: Editora HUCITEC.

Mendonça, M. (2014). O dilema da intersetorialidade na política de segurança pública em Pernambuco: o discurso governamental e da mídia escrita nos anos 2007/2011. Tese de doutorado Universidade Federal de Pernambuco - Recife.

Pernambuco. Secretaria de Defesa Social (SDS). (2019). Evolução Anual dos Números de Vítimas de CVLI em Pernambuco por Município. Disponível em: <<http://www.sds.pe.gov.br/>> Acesso em 15/07/2019

Pernambuco. Secretaria De Defesa Social (SDS). (2019). Evolução Anual dos Números de Vítimas de CVP em Pernambuco por Município. Disponível em: <<http://www.sds.pe.gov.br/>> Acesso em 15/07/2019

Pernambuco. Secretaria De Defesa Social Do Estado De Pernambuco (SDS). (2018). Números de Ocorrências de Roubo, Furto, Vítimas de Estupro e CVLI no Município de Recife, Por AIS, no período de janeiro de 2004 (Estupro e CVLI) a fevereiro de 2018. Pedido de Acesso à Informação. Relatório nº 208/2018/GACE/SDS INFOPOL/SDS 23/03/2018

Ratton, J.; Galvão, C.; Fernandez, M. (2014). Pact for Life and the Reduction of Homicides in the State of Pernambuco. Stability: International Journal of Security & Development, 3(1): 18, pp. 1-15. DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/sta.dq>

Seguridad, Justicia Y Paz. (2018). Metodología del ranking (2017) de las 50 ciudades más violentas del mundo. México.

Trindade, A. (2004). Entre a lei e a ordem: violência e conflitualidade no Rio de Janeiro e Nova York. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2004.

U.S. Department. (2019). Brazil Travel Advisory. February 6, 2019. Disponível em: <https://travel.state.gov/content/travel/en/traveladvisories/traveladvisories/brazil-travel-advisory.html>. Último acesso em 04/08/2019.

World Bank. (2017). Brasil: Pernambuco aposta em programa inovador para combater o crime. World Bank Group. Publicado em: 21 de novembro de 2013 Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/news/feature/2013/11/21/Brazil-Pernambuco-pacto-vida-program-curbs-homicide-rates-crime>>. Acesso em 21/03/2017.

Recebido em:18/11/2019-Aprovado em:13/12/2019